

FRIGORÍFICOS NO RS

Antonio Francisco Ransolin¹

A criação de gado confunde-se com a própria história do Estado. Após a introdução pelos jesuítas e com o fim das missões, foi o rebanho xucro e missioneiro caçado por bandos de portugueses, espanhóis e mestiços, inicialmente para a comercialização do couro. Somente a partir do século XVIII, com a descoberta das minas no centro da colônia, os rebanhos passaram a ser capturados para abastecer a região e formar o plantel das primeiras estâncias. Na verdade a ocupação do Rio Grande do Sul seria tardia, e só começou efetivamente a ter sentido econômico com a exploração do gado bovino. Além da carne para alimentação, havia a necessidade de animais para transporte e montaria, acrescido do tradicional uso de couro, chifres e sebo para a produção de vestimentas e utensílios. Os rebanhos bovinos, muares e equinos existentes em nossos campos tornaram-se valiosos.

No final do século XVIII, o gado já deixava de ser visto apenas como fonte de couro ou ser enviado vivo para o centro – o que implicava em demora e perdas na condução das tropas. Começaria um novo ciclo da pecuária com a implantação das charqueadas, estabelecia-se o primeiro estabelecimento deste tipo com fins comerciais em 1780. A atividade se expandiu rapidamente, com base na mão de obra escrava até o final do século. As constantes secas no nordeste no período estimularam a nova atividade econômica, voltada para a alimentação de escravos e outras classes inferiores. O charque deste momento em diante teria a predominância na economia gaúcha até inícios do século XX, apesar do dinamismo da agricultura colonial a partir da segunda metade do século XIX.

Embora tivesse propiciado uma interessante acumulação de capitais, a charqueada apresentava uma rentabilidade oscilante, fruto de condições externas como as guerras no Prata, que era seu principal concorrente. Também registrava um menor valor que os produtos exportáveis de outras regiões do país como café e açúcar, e enfrentaria com dificuldades a expansão do área colonial com expressiva capacidade de acumulação de capitais.

Como era usado pelas classes inferiores, mantinha em níveis baixos os custos de vida e produção, os mercados consumidores do centro do país, setor voltado para o mercado externo e hegemônico economicamente, pressionavam para que os preços dos produtos fossem os menores e que as taxas de importação do charque platino fossem mínimas, além de ser de melhor qualidade e menor custo, visto que produzido por mão-de-obra assalariada. Por outro lado, os latifundiários gaúchos protestavam contra o governo central em relação às tarifas de importação de sal (principal elemento externo das charqueadas) e contra o produto *platino* que remontavam desde o início desta atividade e seriam mesmo a principal motivação econômica da Revolução Farroupilha.

Além disso, havia outros empecilhos, até maiores à lucratividade das charqueadas. A população rural do país era maioria, sendo a renda muito baixa, e os fatores de produção obrigatoriamente comprimidos, particularmente em lavouras de baixo valor. Sofria a concorrência da carne fresca, embora a produção pequena, de melhor qualidade. As dificuldades de transportes e a monetarização incipiente eram outros elementos que dificultavam a comercialização do produto levavam a uma oscilação constante. No entanto manteve-se como principal produto de exportação até meados dos anos 30 do século XX. Mesmo a introdução dos frigoríficos nos inícios do século, pois estes continuariam elaborando simultaneamente charque.

¹Servidor do TRT da 4ª Região, pesquisador do Memorial da Justiça do Trabalho no RS, Mestre em História pela UNISINOS/RS

A implantação de frigoríficos no Prata no final do século XIX estimulou os estudos para uma nova etapa da pecuária rio-grandense. A origem dos estabelecimentos no Estado seriam de origem americana. A economia americana teria uma extraordinária expansão após a guerra civil (1861-65), em pouco décadas atingiriam o mesmo patamar que os países mais desenvolvidos da época. Um forte processo de concentração econômica, de fusão entre capital industrial e financeiro que levariam o país a primeira potência industrial em 1914. Neste momento se estruturariam os grandes trustes, cartéis monopolizadores da produção em seus setores, destacando-se as ferrovias, companhias de eletricidade, petróleo, metalurgia, grandes impérios econômicos cujos nomes continuam famosos até hoje como Morgan, Vanderbilt, GE, Rockefeller, Carnegie, verdadeiros protótipos de self-made-man que caracterizariam o capitalismo da época.

Os frigoríficos não fugiriam a regra de formar cartéis e ostentar nomes conhecidos até a atualidade como Swift, Armour, Wilson. As origens dessas companhias eram semelhantes. Houvera uma grande onda de imigração européia a partir de 1820, atrás da fartura do solo gratuito e depois a corrida do ouro. A expansão do ouro na Califórnia estimulou o imigrante Philip Armour ao invés de buscar o saturado mercado de procura do metal, tentou o abastecimento de carne do enorme contingente de mineiros, estabelecendo um pequeno açougue. Com a expansão dos negócios desviou sua atenção para a florescente Chicago. De trajetória semelhante, Gustave Swift, também imigrante, estabeleceu um açougue em Boston, em 1839. Após transferiu-se para Chicago, visando o promissor mercado interno americano, onde a partir do frigorífico formaria seu grande império de indústria de carne no mundo. A cidade de Chicago era o ponto de encontro das grandes ferrovias americanas, de onde convergiam os grandes rebanhos e de lá distribuídas para o interior local onde os grandes frigoríficos constituiriam o *Beef-Trust*. Abastecido o mercado americano voltam-se para a Europa, porém necessitando de zonas criadoras elaboraram planos de estabelecimento na América do Sul.²

A vertiginosa expansão da economia americana estimulou o interesse pelo resto do continente. A Inglaterra manteria a preponderância, mas após a proclamação da República os laços comerciais aumentaram, particularmente o café, e no início do século conseguiram importantes concessões tarifárias. Apesar disso a influência americana na nossa economia era pequena. A maior oportunidade para a conquista do mercado brasileiro viria com a eclosão da guerra em 1914, desviando da Europa as correntes de comércio, já em 1915 os Estados Unidos ocupariam o primeiro lugar tanto em importação como exportação. Muitas vezes os capitais americanos se mesclavam com investidores europeus, inclusive com seus concorrentes ingleses, que visavam o controle de setores de economia, atuando tanto no transporte como na produção de mercadorias. Tal realidade estava inserida no contexto histórico do capitalismo monopolista, de constituição de empresas internacionais. Caso típico seria o de Percival Farquhar, proprietário de diversas ferrovias e portos no país e no estrangeiro, incluindo estradas de ferro gaúchas e o porto de Rio Grande, investiu num amplo leque de atividades como fazendas de gado, empresas de colonização, serrarias, hotéis e frigoríficos.

No contexto da guerra, além do interesse dos frigoríficos americanos, ocorrera a dificuldade de importações brasileiras e o estímulo para diversificação da pauta de exportações com a introdução de produtos como couro, açúcar e carnes congeladas. Em 1917 a *Armour* adquiriu em Santana do Livramento a charqueada Santana, que começou a operar como charqueada, em 1918 e 1919, fabricou carne conservada,

² PESAVENTO, S. *República Velha Gaúcha*. Porto Alegre: IEL-Movimento. 1980. p. 130-1, p.138-9.

passando em 1920 a exportação de carne congelada. A companhia *Swift* do Brasil foi organizada em julho de 1917 em Rio Grande, com obras iniciadas em janeiro, operaria com conservação de carnes em 1918 e entraria na frigorificação no começo de 1919, com a projeção de trabalho de 1800 funcionários. A companhia construiria um cais próprio junto ao porto. Em 1918 outro frigorífico americano chegava ao Estado, outra do *Beef-trust*, a *Cia. Wilson* em Livramento³. A vinda das empresas americanas levou a valorização de terra e rebanhos, além de estimular a importação de reprodutores e cruzamento com o gado crioulo. Outro dado interessante é a presença significativa do capital americano no Rio Grande do Sul em relação centro econômico do país, São Paulo, onde predomina o capital britânico.

Ao mesmo tempo, tentou-se a constituição de um frigorífico nacional, campanha que mobilizou o estado, resultando na formação na cidade de Pelotas em 1917, do Frigorífico Rio Grande. A vinda de empresas estrangeiras gerara uma discussão no estado, que embora não contestasse a importância dos frigoríficos, temia práticas de monopólio prejudicando os interesses locais. Além de servir ao produtor local se conciliava com a proposta do governo estadual, baseado nos princípios positivistas, de um Estado interventor quando a iniciativa privada fosse incapaz ou quando houvessem práticas de monopólios. Ao estado cabia regular e orientar o processo econômico quando houvessem abusos do capital, proteger o trabalho, intermediar a relação entre capital e trabalho bem como entre empresas estrangeiras e nacionais. No entanto, a iniciativa não frutificou e na crise do pós-guerra o frigorífico foi comprado por outra grande empresa, desta vez inglesa, a *Vestey Brothers* em 1921, adotando o nome de Frigorífico Anglo. Nova tentativa ocorreu na década de 1930, com o mesmo resultado frustrante.

Finalizada a guerra, o curto período de euforia da pecuária se extinguiria. Os países beligerantes retomaram sua produção e conseqüentemente diminuem suas importações, ocasionando a crise do setor na década de 20. Na verdade, o setor vinha de uma lenta decadência desde as últimas décadas do século XIX, em comparação com a vigorosa ascensão do complexo colonial. A guerra servira para mascarar as dificuldades, mesmo a instalação de frigoríficos não conseguiria alterar significativamente as deficiências estruturais da pecuária.

No entanto, o latifúndio continuava tendo projeção política, e as pressões que exerceriam para que Borges atuasse a seu favor não surtiriam efeito, e levariam a revolução de 1923. Borges atuava baseado no princípio positivista de não beneficiar um setor específico, e sim medidas que beneficiassem a sociedade como um todo, como o sistema de transportes. Aliado ao fato de defender uma diversificação da produção e não a privilégios a um determinado setor, sujeito a oscilações constantes como era a pecuária. Como resultado da guerra, previa-se a impossibilidade de reeleição de Borges e uma nova geração assumiria o poder regional e após o nacional.

A implantação dos frigoríficos não implicou na substituição imediata do charque, até porque as empresas mantiveram a produção de charque simultaneamente a de carne congelada. Em 1922, o charque era ainda responsável por 24% das exportações, mas pouco mais de duas décadas depois, em 1945, só atingia 6,5%. Entre 1935 e 1941, ocorreria a inversão entre o charque e carne congelada na pauta de exportações, quando o produto industrializado tomou o primeiro lugar. Como no conflito anterior, a eclosão da segunda guerra mundial levou a um crescimento da renda da pecuária em função do aumento de preços dos produtos.

³ PESAVENTO, op. cit., p. 138-140.